

# *Sangue Negro*

---

Noémia de Sousa - Edição de 2001

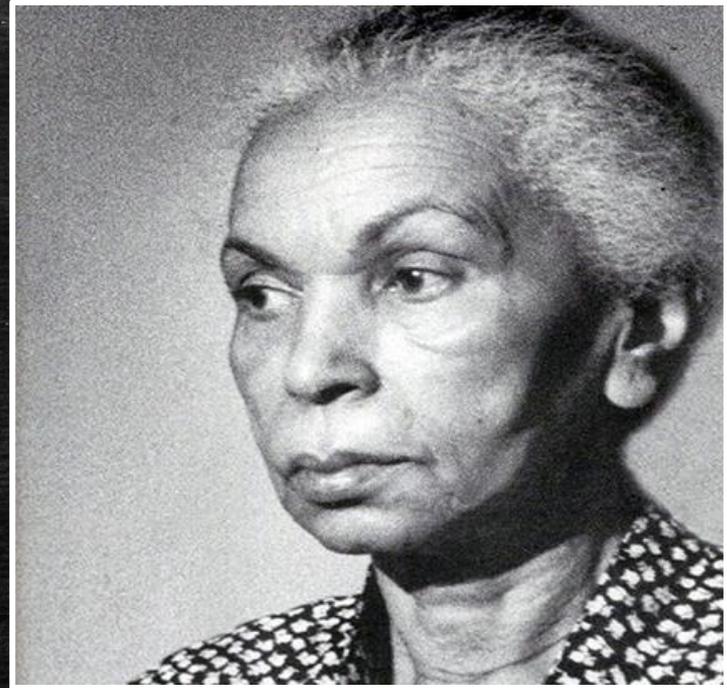
Bruno Marins 232368

Sofia Vlatco 244342

# Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (1926-2002)

---

- Pseudônimo: Vera Micaia.
- “Mãe dos poetas moçambicanos”.
- Poetisa, tradutora, jornalista e militante política.
- Uma das principais figuras do movimento literário anti-colonial de Moçambique.
- “*Sangue Negro*” foi seu único livro.



<https://www.escritas.org/autores/noemia-de-sousa.jpg>

# Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (1926-2002)

---

- Nasceu na cidade de Catembe, Moçambique.
- Muda-se para Lisboa - 1951 a 1964.
- Opositora ao "Estado Novo".
- Adoção do pseudônimo.
- Publicava seus poemas em jornais e revistas que apoiavam a resistência (*O Brado Africano*, *Itinerário* e *Msabo*).
- Exila-se em Paris, trabalhando no consulado do Marrocos.
- Retorna a Lisboa em 1975; trabalha na *Agência Noticiosa Portuguesa* (ANOP).

# Independência de Moçambique



<https://www.conexaoLusofona.org/mocambique-40-anos-depois-da-independencia-d-e-onde-veio-e-para-onde-vai/>



<https://www.facebook.com/frelimo/>

# “Moçambicanidade” (1940-1950)

- Movimento literário de resgate cultural moçambicano.
- Temas: Raça, classe e política e liberdade.



[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRF6BwGsA2B8ztZ2n2nqx\\_wW5w7Kv9c8\\_kSI\\_R0loLmuoJjxFCo](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRF6BwGsA2B8ztZ2n2nqx_wW5w7Kv9c8_kSI_R0loLmuoJjxFCo)



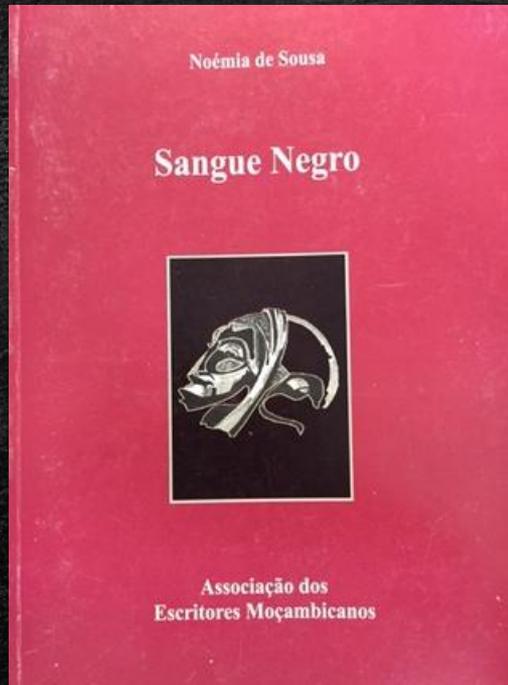
<https://pt.maps-mozambique.com/img/1200/mo%C3%A7ambique-%C3%A1frica-do-mapa.jpg>

## *Sangue Negro*

---

- Composto por 49 poemas, divididos em 8 seções, escritos entre 1948 a 1951.
- Publicado pela *Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO)* em 2001.
- 2016 - Primeira versão brasileira publicada pela editora *Kapulana*.

# Sangue Negro



<https://images.gr-assets.com/books/1456155695/29244539.jpg>



[https://images-na.ssl-images-amazon.com/image/s/1/51m-jzC4hNL\\_SX351\\_BO1,204,203,200\\_.jpg](https://images-na.ssl-images-amazon.com/image/s/1/51m-jzC4hNL_SX351_BO1,204,203,200_.jpg)

# Sangue Negro

---

- A segunda seção, nomeada "*Biografia*" é composta por 8 poemas:
  1. "*Se me quiseres conhecer*".
  2. "*Poema da infância distante*".
  3. "*Shimani*".
  4. "*Deixa passar o meu povo*".
  5. "*Poema para um amor futuro*".
  6. "*Poema*".
  7. "*Se este poema fosse...*".
  8. "*Instantâneo*".

## *Se Me Quiseres Conhecer*

---

- A autora introduz um pouco sobre si e sobre sua essência.
- Se apresenta como angustiada, marcada pela escravatura.
- “África da cabeça aos pés” alma de África.
- Grito de esperança.

Se me quiseres conhecer,  
estuda com os olhos bem de ver  
esse pedaço de pau preto  
que um desconhecido irmão maconde  
de mãos inspiradas  
talhou e trabalhou  
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:  
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,  
boca rasgada em feridas de angústia,  
mãos enormes, espalmadas,  
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,  
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis  
pelos chicotes da escravatura...  
Torturada e magnífica,  
altiva e mística,  
África da cabeça aos pés,  
– ah, essa sou eu:

Se quiseres compreender-me  
vem debruçar-te sobre minha alma de África,  
nos gemidos dos negros no cais

nos batuques frenéticos dos muchopes  
na rebeldia dos machanganas  
na estranha melancolia se evolvendo  
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,  
se é que me queres conhecer...  
Que não sou mais que um búzio de carne,  
onde a revolta de África congelou  
seu grito inchado de esperança.

25/12/1949

## *Poema Da Infância Distante*

---

- Infância marcada por um cenário calmo.
- Tranquilidade a guiou na adolescência, assim como seus companheiros.
- Conviveu com pessoas muito diversas.
- Fizeram sua juventude feliz e guiaram-lhe na jornada da vida.
- Fraternidade.

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,  
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.  
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.  
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado  
[ainda

arrastando as redes pejadas.  
Na ponte, os gritos dos negros dos botes  
chamando as mamas amolecidas de calor,  
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas  
soavam com um ar longínquo,  
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.  
E nos degraus escaldantes,  
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.

Quando eu nasci...  
– Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)  
e o sol brilhava sobre o mar.  
No meio desta calma fui lançada ao mundo,  
já com meu estigma.  
E chorei e gritei – nem sei porquê.  
Ah, mas pela vida fora,  
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.

E o Sol nunca mais me brilhou como nos dias primeiros  
da minha existência,  
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,  
constantemente calmo como um pântano,  
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,  
– meu estigma também.  
Mais, mais ainda: meus heterogêneos companheiros  
de infância.

Meus companheiros de pescarias  
por debaixo da ponte,  
com anzol de afinete e linha de guita,  
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como cabaças,  
companheiros nas brincadeiras e correrias  
pelos matos e praias da Catembe  
unidos todos na maravilhosa descoberta dum ninho de tutas,  
na construção duma armadilha com nembo,  
na caça aos gala-galas e beija-flores,  
nas perseguições aos xitambelas sob um sol quente de Verão...  
– Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,  
solta e feliz:  
meninos negros e mulatos, brancos e indianos,  
filhos da mainata, do padeiro,  
do negro do bote, do carpinteiro,  
vindos da miséria do Guachene  
ou das casas de madeira dos pescadores,  
Meninos mimados do posto,  
meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da Esquadriha  
– irmanados todos na aventura sempre nova  
dos assaltos aos cajueiros das machambas,

no segredo das maçalas mais doces,  
companheiros na inquieta sensação do mistério da "Ilha dos  
[navios perdidos]"

– onde nenhum brado fica sem eco.

Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada  
e boquiaberta de "Karingana wa karingana"  
das histórias da cocuana do Maputo,  
em crepúsculos negros e terríveis de tempestades  
(o vento uivando no telhado de zinco,  
o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da varanda  
e casuarinas, gemendo, gemendo,  
oh inconsolavelmente gemendo,  
acordando medos estranhos, inexplicáveis  
nas nossas almas cheias de xituculumucumbas desdentadas  
e reis Massingas virados jibóias...)  
Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação  
dia a dia mais insatisfeita.

Eles me encheram a infância do sol que brilhou  
no dia em que nasci.  
Com a sua camaradagem luminosa, impensada,  
sua alegria radiante,  
seu entusiasmo explosivo diante  
de qualquer papagaio de papel feito asa  
no céu dum azul tecnicolor,  
sua lealdade sem código, sempre pronta,  
– eles encheram minha infância arrapazada  
de felicidade e aventuras inesquecíveis.

Se hoje o sol não brilha como no dia  
em que nasci, na grande casa,  
à beira do Índico,  
não me deixo adormecer na escuridão.  
Meus companheiros me são seguros guias  
na minha rota através da vida.  
Eles me provaram que "fraternidade" não é mera palavra bonita  
escrita a negro no dicionário da estante:  
ensinaram-me que "fraternidade" é um sentimento belo, e  
[possível,  
mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante  
são tão diferentes.

Por isso eu CREIO que um dia  
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.  
Gaivotas pairarão, brancas, doidas de azul  
e os pescadores voltarão cantando,  
navegando sobre a tarde ténue.

E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias  
em noite de tambor e batuque  
deixará para sempre de me inquietar.

Um dia,  
o sol iluminará a vida.  
E será como uma nova infância raiando para todos...

## *Shimani*

---

- Amiga de infância.
- Sua boneca causava tristeza e desejo na amiga.
- Origem humilde e muito distinta da autora.
- Olhar de dor.
- Significado do Natal.

Sempre que eu recordo a casa à beira-mar da infância,  
surgem-me teus olhos meigos de xipeia ferida,  
aguados de humildade,  
constantes como um remorso.

Lembras-te, minha amiga, da palhota do Guachene?

Nos meus braços egoístas de dona,  
uma boneca sorria sempre, com seus olhos verdes de gato.  
E nos teus braços sempre vazios, Shimani,  
só ternura imensa e insaciada,  
ternura verdadeira de mãe.  
Teus olhos meigos de xipeia ferida,  
com seu eterno brilho de resignação,  
afagavam muito, longamente, quase com desespero,  
a minha linda boneca loira.

Lembras-te?

Depois, era Natal  
e o meu vestido de seda, aos folhos,  
era uma das glórias do dia.  
E o fogãozinho lindo que Papá deu,  
e o anel de ouro que Padrinho trouxe,  
e os lápis de cor trazidos pelo Sr. Romeu,

e os sapatos brancos que Mamã ofereceu?  
E os bolos, o arroz doce,  
e o leitão assado,  
e as flores na mesa branca da sala de jantar?  
Natal, Shimani, hoje é dia de Natal!  
Tu foste à missa, como eu,  
foste à missa, Shimani?

Shimani não foi à missa, não.  
Shimani nem deve saber que hoje é dia de Natal,  
porque não vestiu vestido de folhos.  
Vestiu hoje o mesmo vestido de riscado e todos os dias,  
roto e velho, comprado no monhé do bazar.  
E veio descalça, sem presente nem nada.  
Só com seus grandes olhos meigos de xipeia ferida,  
no rosto luzidio, espetado no pescoço magro e longo.

Ah Shimani, naquele dia,  
tu partilhaste do meu Natal.  
E todos os natais após, tu continuaste a partilhá-los.  
Mas agora? Agora?  
Quem vai apagar essa lágrima permanente  
do teu olhar de xipeia ferida,  
constante como um remorso, teu olhar  
que dói para além de qualquer comparação?

Ah Shimani, minha Shimani!

## *Deixa Passar O Meu Povo*

---

- Inquietude.
- Ódio e revolta por causa do racismo.
- Sentimento de "*negritude*".
- Esperança de liberdade.
- Visão de dever político-social para com os seus "irmãos".

Noite morna de Moçambique  
e sons longínquos de marimbas chegam até mim  
– certos e constantes –  
vindos não sei eu donde.  
Em minha casa de madeira e zinco,  
abro e deixo-me embalar...  
Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.  
E Robeson e Marian cantam para mim  
spirituals negros de Harlém.  
“Let my people go”  
– oh deixa passar o meu povo,  
deixa passar o meu povo! –  
dizem.  
E eu abro os olhos e já não posso dormir.  
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul  
e não são doces vozes de embalo.  
“Let my people go”!

Nervosamente,  
eu sento-me à mesa e escrevo...  
Dentro de mim,  
deixa passar o meu povo,

“oh let my people go...”  
E já não sou mais que instrumento  
do meu sangue em turbilhão  
com Marian me ajudando  
com sua voz profunda – minha irmã!

Escrevo...  
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.  
Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado  
e revoltas, dores, humilhações,  
tatuando de negro o virgem papel branco.  
E Paulo, que não conheço,  
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de  
[Moçambique,  
e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaiças,  
algodoais, o meu inesquecível companheiro branco  
E Zé – meu irmão – e Saúl,

e tu, Amigo de doce olhar azul,  
pegando na minha mão e me obrigando a escrever  
com o fel que me vem da revolta.  
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,  
enquanto escrevo, noite adiante,  
com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio  
– “let my people go  
oh let my people go!”

E enquanto me vierem de Harlém  
vozes de lamentação  
e meus vultos familiares me visitarem  
em longas noites de insónia,  
não poderei deixar-me embalar pela música fútil

das valsas de Strauss.  
Escreverei, escreverei,  
com Robeson e Marian gritando comigo:  
Let my people go,  
**OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!**

## *Poema Para Um Amor Futuro*

---

- Não será um herói, rico ou famoso.
- Será humano e verdadeiro.
- Lutarão juntos pela paz e justiça, e somente quando a África for libertada, se entregará por completo ao amor.
- Se entrega completamente à causa, para depois se entregar à ele.
- Quer construir um mundo justo para seus filhos poderem nascer e crescer nele.

Um dia

– não sei quando nem onde –  
das névoas cinzentas do futuro,  
ele surgirá, envolto em mistério e magia  
– o homem que eu amarei.

Não será herói de livro de fantasia,  
príncipe russo  
actor de cinema  
ou milionário com saldo no Banco.  
Não.

O homem que eu amarei  
será tal qual eu, no fundo.  
Suas mãos, como as minhas,  
estarão calejadas do dia a dia  
e seus olhos terão reflexos de aço  
como os meus.  
Sua alma será irmã minha  
com a mesma angústia e o mesmo amor,  
com o mesmo frio ódio e a mesma esperança.  
E do seu pescoço estará suspenso, como do meu,  
o marfim do mesmo amuleto.

Ah, ele será humano, como eu,  
e da mesma seiva generosa.  
Completamente humano e verdadeiro  
– que só assim eu o poderei amar.

E só será perfeito quanto a nossa condição o permitir,  
para que sejamos na vida o que ela nos pedir:  
companheiros,  
juntos na mesma barricada,  
lutando num mesmo ideal.

Ah, sim,  
quando a paz descer sobre o campo de luta,  
poderei enfim  
dar-me completamente.  
Minha alma, finalmente,  
poderá encher-se como um búzio, da música do luar  
e do murmúrio do mar.  
E meu corpo adubado de ânsias,  
abrir-se-á à charrua do seu desejo,  
à semente do seu amor.  
Serei então irmã gêmea da Terra,  
carregando em mim o mistério da vida,  
machamba aberta à chuva benéfica  
e ao sol fecundo do seu amor.  
E quando em mim se fizer o milagre,  
quando do meu grito de morte  
surgir a vitória máxima da vida,  
ah, então eu estarei completa.

Mas só depois da paz descer sobre o meu campo da luta,  
antes disso, não.

Antes, seremos companheiros da mesma obra,  
operários construindo o nosso mundo.  
Por isso, amor que não conheço,  
nada mais me peças enquanto não for terminada a obra.

Enquanto ela durar,  
não poderei ser tua completamente,  
porque me dei, inteira,  
a este sonho que tudo apouca.  
Para ti irão apenas os breves momentos de tréguas,  
o calor que me sobrar da fogueira de todos.

Mas quando da noite desumana  
surgir a manhã que construímos, lado a lado,  
quando nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos  
quando a calma descer sobre a casa que edificámos,  
então seguiremos, na luz clara desse Sol maravilhoso,  
nosso destino natural de Homem e Mulher  
e dos seus gritos de morte  
nossos filhos poderão nascer então,  
num mundo de justiça.

Para meu amor futuro, que me completará,  
para esse amor distante  
escrevi este poema.  
Que tu o leias um dia, amor que não conheço,  
quando me surgires, embrulhado em mistério,  
e minha alma e meu corpo  
palpitarem de reconhecimento – és tu!  
Que aquele que amarei o leia  
e me leia, neste poema que lhe escrevi.

## Poema

---

- Dedicatória a sua mãe.
- Proteção materna.
- Aspectos da natureza africana.
- Sentimento de "*negritude*".
- O anseio de lutar, militar, a favor de seus "irmãos" africanos.

Mãe:

Era noite e havia uma lua enorme,  
como um balão enorme assoprado no ar,  
quando me passou um grupo à porta,  
um estranho grupo de olhos visionários,  
sacudindo sacas esfarrapadas,  
de pés gretados cobertos de lama dos caminhos  
e bocas rasgadas entoando canções...

Um grupo estranho como eu nunca vi,  
trazendo homens e mulheres e crianças.

E vinham de longe,  
vinham mesmo do fundo da vida  
que mo diziam suas bocas brandindo revoltas  
que mo diziam suas canções salgadas de esperança  
que mo diziam seus olhos onde visões selvagens coalharam.

Passou-me à porta este grupo banhado do luar  
da morna noite de África.

E trouxe-me consigo todo um mundo esquecido  
e recordações familiares  
de palmares dormindo no fundo do pensamento  
de visões verdes de bananais e fogueiras semi-extintas...

E um vento de monção as espevitou e sacudiu  
e riscou relâmpagos nos céus negros do olvido...  
E uma artéria estremeceu em mim  
e logo todas as artérias palpitarão dolorosamente  
e o sangue me aqueceu e borbulhou e gritou: IRMÃOS!

Mãe:

Por que foi que me encerraste na alvenaria  
desse quarto fechado a todo o mundo,  
por que me ergueste muros protectores  
e me separaste de meus irmãos  
e me vestiste de camadas de sedas  
e me ataste fitas azuis no cabelo?

Porquê, Mãe?

Porque me defendeste no egoísmo do teu amor  
e me afastaste do perigo do lá fora?

Oh, Mãe, porque me arrancaste à Vida?

O teu egoísmo transformou-me em cadáver  
de laços no cabelo e vestidos de seda  
e paredes de alvenaria servindo de jazigo...

E eu queria, oh queria ir, nua, no grupo estranho  
que me passou à porta,

soltando ao luar canções salgadas de esperança  
e cabeças se desgrenhando ao vento...

Queria rasgar as sedas nas piteiras dos caminhos,  
endurecer os pés na lama "copulada" dos trilhos  
despedaçar os laços dos cabelos aos ventos do Índico!

Mãe:

queria erguer minha voz doce e trémula

junto ao corpo seguro, feito de mil clamores físicos,  
do grupo maravilhoso que me passou à porta!  
Queria derrubar meu jazigo de alvenaria  
queria descer aos trilhos lamacentos,  
queria sentir o agulhão da mesma revolta,  
queria sentir esse gosto indefinível de luta,  
queria sofrer e gemer e lutar  
para conquistar a Vida!

Oh Mãe!  
porque me roubaste tudo isto?

## *Se Este Poema Fosse...*

---

- Anseio por um país justo, um “sonho de criança”.
- Aspectos naturais africanos.
- Angústia pelos seus “irmãos” que sofrem com a exploração e o racismo.

Se este poema fosse mais do que simples  
sonho de criança...

Se nada lhe faltasse para ser total realidade  
em vez de apenas esperança...

Se este poema fosse a imagem crua da verdade,  
eu nada mais pediria à vida  
e passaria a cantar a beleza garrida  
das aves e das flores  
e esqueceria os homens e as suas dores...

– Se este poema fosse mais do que mero  
sonho de criança.

Ai o meu sonho...

Ai a minha terra moçambicana erguida  
com uma nova consciência, digna e amadurecida...

A minha terra cortada em toda a sua extensão  
por todas essas realizações que a civilização  
inventa para tornar a vida humana mais feliz...

Luz e progresso para cada povoação perdida  
no sertão imenso, escolas para as crianças,  
para cada doente, a assistência da ciência consoladora,  
para cada braço de homem, uma lida  
honrada e compensadora,

para cada dúvida uma explicação,  
e para os Homens, Paz e Fraternidade!

Ah, se este poema fosse realidade  
e não apenas esperança!

Ah, se fosse o destino da nova humanidade  
não mais me inquietaria e eu passaria  
a cantar então a beleza das flores,  
das aves, do céu, de tudo o que é futilidade  
porque então a dor humana não existiria,  
nem a infelicidade, nem a insatisfação,  
na nova vida plena de harmonia!

## *Instantâneo*

---

- Sentimento de "*negritude*".
- Individualidade modificada pelo conhecimento da exploração de seus ancestrais e seus "irmãos".
- Destino de luta por liberdade e igualdade.

Na montra  
a manta desdobrava-se, macia,  
em cada dobra uma promessa terna  
para teu corpo emergindo de farrapos de serapilheira.  
[Chovia.

Uma chuva fina, constante, fria.  
E vultos rodavam à tua volta, perdidos na névoa,  
tão distantes nas suas gabardinas  
do desejo irresistível que te acorrentou à montra.  
Teus pés descalços, cortados, calejados,  
mergulhavam calmamente nas poças de água do passeio,  
descansando do inferno causticante do cais,  
e tuas enormes mãos de negro  
encontraram aconchego inconsciente  
no ninho quente dos braços cruzados.

Foi quando teu olhar se ergueu,  
trazendo ainda gotas de reflexos maravilhados  
da tentação da lã, tão perto,  
quase ao alcance fácil das tuas mãos,  
(só ao alcance verdadeiro dos teus olhos!)

Foi quando teu olhar se ergueu,  
terrivelmente consciente,  
com setas de acusação, de desespero, de raiva

(havia punhos cerrados, ranger de dentes, pragas mudas)  
mas principalmente de raiva,  
principalmente de raiva!

Foi quando teu olhar se ergueu,  
terrível, de que fundos, de que universos perdidos?  
e prendeu o meu.  
Que morse estranho, novo, me transmitiu nesse breve segundo  
toda a biografia da nossa raça?  
No momento de Verdade,  
perante a mensagem desesperada,  
todo o meu sangue, desde a sua raiz mais antiga, estremeceu.

E desde essa tarde,  
nunca mais dormi serenamente nas noites frias.  
Teu olhar imenso como um universo de dor  
persegue-me a toda hora, povoa-me todos os minutos.  
Nunca mais descansei sobre os meus dias.  
Dias que tornei cheios de poemas vividos,  
nesta ânsia sem medida que nunca mais me abandonou  
de transformar o teu olhar, irmão,  
torná-lo uma realidade brilhante de alegria,  
e principalmente sem raiva, sem raiva!  
Dias que tornei cheios  
levando o teu olhar a corações fechados de egoísmo  
multiplicando sua mensagem pela cidade inteira,  
levando insônias e remorsos a noites serenas,  
levando tempestades de gritos e panfletos de miséria  
a toda a parte!

Dias que transformei em dádiva,

para te criar um olhar novo, irmão –  
um olhar sem raiva, principalmente sem raiva!

# Referências

---

- <http://www.kapulana.com.br/noemia-de-sousa/>
- Noémia de Sousa em artigos de apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2019.
- DE SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.
- <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>